

Abordagem dialetológica e sociolinguística da variação lexical em dois pontos regionais do português: análise do campo semântico “Jogos e Diversões Infantis”

Dialectologic and sociolinguistic approach to lexical variation in
two regional points of the Portuguese language: analysis of the
semantic field “Children’s Games and Recreations”

Jussara Dallemole
Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT)
jussarapettenon@gmail.com

Paulo Osório
Universidade da Beira Interior (UBI)
pjtrso@ubi.pt
Data de receção do artigo: 01-05-2020
Data de aceitação do artigo: 11-06-2020

Resumo

O presente estudo, de âmbito semântico-lexical, tem por objetivo levar a cabo uma análise contrastiva entre dois pontos regionais das duas normas do português (Covilhã para o português europeu – PE e Cuiabá para o português do Brasil – PB), no que respeita ao campo semântico “Jogos e Diversões Infantis”, recorrendo-se, para o efeito, à aplicação de um Questionário Semântico-Lexical (QSL). Procedemos à respetiva tabulação e exposição cartográfica das variantes lexicais obtidas *in loco*, abordando-se, de forma analítica, as referidas lexias que, do ponto de vista sociolinguístico, indiciam um caráter conservador, no que respeita às variantes de maior empregabilidade.

Palavras-chave: Geolinguística – sociolinguística – semântica lexical – variação linguística.

Abstract

The present study, of a semantic-lexical scope, aims to carry out a contrastive analysis between the two points of Portuguese language

(Covilhã for European Portuguese - EP and Cuiabá for Brazilian Portuguese - BP), with regard to the semantic field “Children’s Games and Recreations”, resorting, with that aim, to the application of a Semantic-Lexical Questionnaire (QSL). We then proceed to the respective tabulation and cartographic exposure of the lexical variants obtained *in loco*, analytically addressing the aforementioned lexia that, from a sociolinguistic standpoint, indicate a conservative character, with regard to the most employable variants.

Keywords: Geolinguistics – sociolinguistics – lexical semantics – linguistic variation.

1. Introdução

O presente estudo integra-se num conjunto investigativo mais vasto de que Dallemole, Osório e Patatas (2018) nos dão conta num dos seus trabalhos, sendo que outros estudos parcelares (Dallemole e Osório, 2019), a partir desse tronco comum, estão em elaboração por Dallemole e Osório (no prelo). Encontram-se, assim, em curso dois outros textos em que um deles pretende fazer a análise dos campos semânticos “Acidentes Geográficos” e “Fauna” e um outro é dedicado ao campo semântico “Convívio e Comportamento Social”.¹ O escopo da investigação aqui proposta, embora partindo dos enquadramentos teóricos e metodológicos traçados nesses estudos, individualiza-se na análise de um outro campo semântico, «Jogos e Diversões Infantis», residindo aí a originalidade deste contributo.

Os estudos dialectológicos são elaborados, fundamentalmente, a partir do método geolinguístico, recorrendo-se ao registo das formas linguísticas recolhidas num determinado local, ou seja, no espaço geográfico ao qual os fenómenos dizem respeito. Sendo este tipo de estudos, numa primeira fase, marcados sobretudo com base em estudos cartográficos, atualmente, a geografia linguística aperfeiçoou o seu método de investigação, contemplando particularidades etnográficas e variações diastráticas. A dialectologia e a sociolinguística, epistemologicamente, apresentam pontos comuns, por vezes até mesmo coincidentes, nomeadamente no que respeita à heterogeneidade da língua e ao conjunto de variedades que são usadas diferentemente de

¹ Em fase de submissão a uma revista em Espanha.

acordo com características sociolinguísticas do falante, parte destas variantes.²

A nossa investigação tem, pois, como objetivo principal realizar um estudo, descritivo-contrastivo (com baste recurso ao uso de frequências), no âmbito semântico-lexical,³ entre o falar cuiabano, no Brasil e o covilhanense em Portugal, sob a perspectiva dialetológica e sociolinguística, tendo por base que estamos perante duas variedades regionais de duas normas da mesma língua. Pretendemos, deste modo, documentar a variedade linguística, sob a forma cartográfica para ambos os pontos linguísticos, com a finalidade de descrever os falares estudados. O método analítico contrasta entre si os falares descritos, bem como os relaciona com o conceito proposto pelo Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). No registo dos aspetos inerentes aos referidos usos, por meio da tabulação e da exposição cartográfica das variantes lexicais, empregámos o referido método geolinguístico, com o registo da frequência, por questão e por campo semântico e, dada a amplitude do QSL e as limitações deste ensaio, contemplámos aqui unicamente o campo semântico “Jogos e Diversões Infantis” que compõe aspetos ligados às questões socioculturais.

Estamos, deste modo, perante um estudo que pretende explicar algumas variantes da língua, sem perder a visão de que a formação dialetal, no tempo e no espaço, requer um construto epistemológico amplo e que recorra, se possível, a uma certa interdisciplinaridade, no sentido de revelar os aspetos responsáveis pelas transformações da língua. Acresce que, do ponto de vista cultural, a língua apresenta especificidades originárias de recortes da realidade interiorizada pelos falantes, no intuito de construir os seus referenciais mínimos de convivência.

2. Questões metodológicas

Optando-se por um estudo descritivo e contrastivo, no domínio semântico-lexical, entre os falares regionais de Cuiabá e da Covilhã, nas perspetivas geo e sociolinguística, estamos em crer que as particularidades relativas à seleção dos pontos linguísticos e ao método

² Neste trabalho, utilizaremos o termo “variante(s)” sempre que nos referimos a formas coocorrentes dentro de uma determinada variedade; optaremos pela designação “variedade”, enquanto sinónimo de modalidade (do português).

³ Por vezes, utilizamos, como expressão sinónima, léxico-semântico.

de investigação dialetal utilizados deverão ser contextualizados nas secções seguintes do estudo.

A geografia linguística (ou geolinguística), método da dialectologia, destina-se a estudar a linguagem humana, mais especificamente, a variação linguística no espaço físico/geográfico. Para Basseto,

a Geografia Linguística se ocupa com a situação em que uma língua se encontra num determinado momento, em localidades ou em regiões previamente escolhidas. Não se utiliza de documentos escritos como objeto de sua pesquisa, mas investiga sobretudo a linguagem falada. (2001: 70)

As etapas para a realização do estudo proposto consistem, primeiramente, na delimitação e na caracterização dos locais de estudo, seguido da elaboração do questionário, seleção e caracterização dos sujeitos e na realização das entrevistas. Numa fase posterior, ocorre o registo dos dados por meio da digitalização para a constituição de um corpus linguístico, com base em tabelas e na documentação cartográfica da variação lexical pelo campo semântico em estudo e por questão. Procedemos, de seguida, à análise semântico-lexical (com pendor quantitativo), com base nas lexias de maior frequência no corpus, pelo campo semântico selecionado e por questão. Tais procedimentos metodológicos permitiram a realização do registo das variações diatópicas, que se processam a nível semântico-lexical, de duas variedades regionais linguísticas, a cuiabana e a covilhanense, num recorte sincrónico.

O processo de seleção dos pontos de inquérito “em pesquisas dialectológicas, ou cada uma das localidades em que se recolhem dados de natureza linguística”, simplesmente denominados de pontos linguísticos, leva em consideração alguns pré-requisitos necessários para a aplicação do método de análise proposto (Brandão, 1991: 81). Neste caso, tratam-se de dois locais que foram colonizados por imigrantes de diversas outras regiões. Sob esse aspeto, presume-se que a língua falada possa ter sofrido alterações ao longo do tempo e, portanto, abre precedentes para estudos de caráter dialetal.

Como instrumento para o levantamento e registo de dados relativos aos aspetos sociais, geoeconómicos e históricos de cada ponto linguístico estudado, foi utilizada a Ficha de localidade (anexo I), elaborada com base na ficha proposta pelo Projeto ALiB, cujo objetivo é, de forma sucinta, conhecer cada ponto linguístico.

2.1. Caracterização dos pontos linguísticos

Cuiabá absorve o maior fluxo de pessoas e, automaticamente, de características heterogêneas no que se refere à língua. Por esta natureza e, também pela proximidade com um país de língua espanhola (Bolívia), torna-se um ponto linguístico curioso para a identificação de variações no léxico. Um aspeto de reflexão particular, quanto à identificação da variação dialetal de Cuiabá, consiste também no facto de ser uma das regiões de transição entre o Norte e o Centro-Sul do Brasil.

No entanto, para que fosse possível realizar uma análise comparativa com o PE, algumas particularidades, no que concerne à seleção do ponto linguístico português, necessitavam estar alinhadas às encontradas para a região brasileira. Por ser igualmente considerado um local com cruzamento de estradas e caminhos, objeto de conquistas e reconquistas na luta contra os Mouros, o concelho da Covilhã, localizado mais ao centro de Portugal e próximo de Espanha, também contempla uma heterogeneidade expressiva na sua formação sociolinguística. Daí a opção por esta seleção.

Ambos os locais iniciaram a fase da organização económica com base na agricultura de subsistência. No entanto, isso deixou de ser representativo ao longo das décadas seguintes, tanto para Cuiabá, quanto para a Covilhã. Toda essa conjuntura tem, certamente, impacto sobre a formação dialetal nos referidos locais e, por isso, esta investigação permite-nos analisar a variação lexical, de forma contrastiva, entre os dois pontos linguísticos, no sentido de identificarmos e compararmos possíveis mudanças no léxico entre ambos os pontos.

2.2. Constituição do *corpus* linguístico

Para a constituição do *corpus* linguístico (cf. Lindley Cintra, 1983), optou-se pela aplicação do QSL, baseado no Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e complementado por alguns conceitos do Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG). O referido questionário é constituído por 178 questões, distribuídas por 13 campos semânticos.

As entrevistas decorreram entre setembro a dezembro de 2012, no Concelho da Covilhã, aplicadas a 50 informantes. O questionário também foi aplicado a 50 habitantes de Cuiabá, entre julho a setembro

de 2013, totalizando 100 entrevistas, num conjunto de 93 horas e 55 minutos. Convém referir que a duração das entrevistas não foi semelhante entre as duas localidades. Na Covilhã, a média de cada inquérito corresponde a 1 hora, 1 minuto e 12 segundos, enquanto que, em Cuiabá, foi de 51 minutos e 30 segundos.

As variantes lexicais recolhidas foram compiladas num banco de dados semântico-lexical no Microsoft Excel e, em várias circunstâncias, registaram-se duas ou mais expressões lexicais para designar o mesmo conceito, remetendo-se a análise à seleção da primeira para a constituição do *corpus* a ser tratado, por compreendermos que se trata da designação mais usual pelo entrevistado e a que particulariza, em princípio, o falar local.

As variantes obtidas foram dispostas, primeiramente, numa tabela para o campo semântico em análise (“Jogos e Diversões Infantis”, questões 132 a 142), a fim de evidenciarmos o número de variantes registadas, a ocorrência da variante lexical de maior frequência e a respetiva percentagem, nos contextos examinados, para cada conceito proposto pelo QSL. A percentagem foi calculada com base na frequência absoluta ou no número total de 50 sujeitos entrevistados em cada ponto linguístico.

2.3. Caracterização dos informantes

A seleção dos informantes é fundamental para que a pesquisa apresente resultados consistentes. Segundo Paiva Boléo (1974: 76), “uma das tarefas mais difíceis reside na escolha do informador idóneo”. De acordo com Brandão (1991: 31) e, sob a égide da geolinguística, deve-se dar atenção, aquando da seleção dos informantes, a alguns princípios gerais: “deve ser nativo da localidade; deve ser inteligente e loquaz; não deve apresentar problemas de dentição ou de fonação”. Acrescenta, ainda, que as variáveis extralinguísticas, como a faixa etária, o género, o nível de escolaridade e a condição socioeconómica são importantes para que melhor se compreendam os fatores que determinam a conservação de certos traços linguísticos ou a difusão de inovações. Outro parâmetro importante é, igualmente, destacado por Silva (2002: 42), ao sugerir uma preferência por um sujeito natural da localidade em estudo, que não tenha morado mais de 1/3 da sua vida fora da localidade, nem tenha exercido uma profissão que o tenha obrigado a constantes viagens e a contactos com outros falares.

Neste estudo, utilizámos a Ficha do sujeito,⁴ com a finalidade de registar informações que caracterizem cada entrevistado e, ao mesmo tempo, permitam traçar o seu perfil, devidamente previsto para a investigação em causa, bem como validar a aplicabilidade da pesquisa. Os informantes não foram identificados no decurso da investigação.

De forma muito sumária, podemos referir que 10% dos entrevistados na Covilhã possuíam, até à data da entrevista, menos de 35 anos, 64% encaixavam-se na faixa etária entre os 36 a 55 anos, seguido de 26% com 56 anos ou mais. Para Cuiabá, 22% possuem menos de 35 anos, 44% têm entre 36 e 55 anos e 34% possuem 56 anos ou mais.

Quanto ao género, 42% dos informantes pertencem ao género masculino e 58% ao feminino, sendo que, em Cuiabá, temos 46% de informantes do género masculino e 54% do feminino.

No que diz respeito à variável escolaridade, a grande maioria dos informantes entrevistados, em ambos os pontos linguísticos, não possui o ensino superior. Acresce, ainda, que a maioria dos falantes é natural do local em estudo, residindo, desde sempre, nessas mesmas localidades.

3. Análise quantitativa das variantes lexicais

As questões numeradas de 132 a 142, propostas pelo QSL, são relativas ao campo semântico “Jogos e Diversões Infantis” e compõem a tabela 1 do *corpus* em análise. Nesta, apresentam-se o número de variantes registadas, as lexias de maior frequência e a efetiva percentagem, nos dois pontos linguísticos. A carta lexical do referido campo semântico (figura 1) expõe todas as variantes obtidas junto dos informantes brasileiros e portugueses.

A partir da análise dos dados expostos na tabela 1, verifica-se que as lexias *cambalhota* e *cabra-cega*, relativas às questões 132 e 137, respetivamente, são consideradas as respostas de maior frequência identificadas no campo semântico em análise e coincidem com as variantes das questões propostas pelo QSL, inscritas com 100%, no ponto linguístico Covilhã. De forma semelhante, a lexia de maior frequência registada no ponto linguístico Cuiabá foi balanço (100%),

⁴ A Ficha de sujeito foi elaborada com base na ficha proposta pelo *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB), apresentada no anexo II.

como resposta à questão 141, igualmente coincidente com a variante lexical proposta pelo QSL.

Q U E S T Õ E S	PONTOS LINGUÍSTICOS						
	CONCEITO	CUIABÁ – BR			COVILHÃ – PT		
		Nº DE VARIAN- TES REGISTA- DAS	VARIANTE DE MAIOR FREQUÊN- CIA	%	Nº DE VARIAN- TES REGISTA- DAS	VARIANTE DE MAIOR FREQUÊN- CIA	%
132	Cambalho- ta	03	Cambalho- ta	76%	01	Cambalho- ta	100%
133	Bolinha de gude	03	Bolita	80%	02	Berlinde(s)	86%
134	Estilingue	03	Estilingue	52%	03	Fisga(s)	94%
135	Papagaio de papel	03	Pipa	42%	03	Papagaio	84%
136	Esconde- esconde	02	Esconde- esconde	94%	04	Escondidas	70%
137	Cabra- cega	02	Cabra- cega	80%	01	Cabra- cega	100%
138	Pega-Pega	04	Pega-Pega	62%	06	Apanha- da(s)	52%
139	Chicote- queimado	03	Corre-cutia	54%	05	Jogodo lenço (inho)	50%
140	Gangorra	02	Gangorra	90%	05	Balancê	54%
141	Balanço	01	Balanço	100%	02	Baloço	96%
142	Amareli- nha	03	Amarelinh a	96%	05	Macaca	44%

Tabela 1: Campo semântico “Jogos e Diversões Infantis”

Da observação da tabela 1, relativa à área semântica “Jogos e Diversões Infantis”, pode-se afirmar que a variante lexical *cambalhota*, proposta pelo QSL, foi registada com 76% dos informantes brasileiros e 100% dos informantes portugueses. A carta lexical do referido campo semântico também inscreve as lexias *cambota* (20%) e *pirueta* (4%) no ponto linguístico Cuiabá, para o mesmo referente. Quanto aos informantes nativos, manteve-se a mesma variante. Houaiss e Villar (2010) indicam que o item lexical *cambota*, de uso informal, é um regionalismo do Brasil e designa o “m.q. cambalhota (‘movimento ou exercício’, ‘reviravolta’)”.

De acordo com o *Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português*, o item lexical *cambota* está documentado em trabalhos anteriores sobre o léxico do PB como, por exemplo, no *Atlas Linguístico da Paraíba* (ALPB:109-110) para designar “pernas arqueadas”, associado ao campo semântico “Ser Humano (aspetos físicos, psíquicos e comportamentais)”. O ALPB (pp. 109-110) também regista as variantes *zambeta*, *cambeta*, *aleijado*, *cangalha*, *perna de cangalha*, *zambito*, *perna aberta*, *perna de cambito*, *pernas tortas* e *pernas de canção*. Em Lino (2000: 99), regista-se com a aceção de “reviravolta”. Em Portugal, este termo linguístico é empregado, por exemplo, para designar “vara do engenho que, para tirar água, sustenta a pedra que contrabalança o peso do balde”, em Costa (1961: 283), anexa ao campo semântico “Rego e Fontes”; “cada um dos taipais de madeira que ladeiam a mó para impedir a fuga da farinha”, em Pereira (1970: 378), associada ao campo semântico “Construção”, inferindo-se, deste modo, que a diferença de significado do vocábulo *cambota* remete para áreas semânticas distintas.



Figura 1: Carta lexical do campo semântico “Jogos e Diversões Infantis”

Registaram-se as lexias simples *bolita* e *berlinde/s* como as variantes de maior frequência, empregadas pelos informantes nativos de Cuiabá e da Covilhã. Estas lexias, distintas do conceito proposto pelo QSL, foram indicadas com 80% e 86%, respetivamente, conforme ilustra a tabela 1. A carta lexical do campo semântico “Jogos e Diversões Infantis” também regista os termos linguísticos *bolinha de gude* (16%) e *búrlica* (4%) em Cuiabá; *pirulita/s* (14%) na Covilhã. Consta-se, todavia, uma diferenciação lexical entre os pontos linguísticos, visto que foram obtidas cinco lexias distintas para designar o mesmo referente.

Houaiss e Villar (2010) indicam que o item lexical *bolita* é um regionalismo do Rio Grande do Sul e significa o “m.q. gude” (‘jogo infantil com bolinhas de vidro que, num percurso de ida e volta, devem entrar em três buracos dispostos em linha reta, saindo vencedora a criança que chegar primeiro ao buraco inicial’). Neste caso, verifica-se a influência dos migrantes da região Sul do Brasil para a formação sociocultural do povo cuiabano. Os referidos lexicógrafos afirmam que a lexia *gude* é um regionalismo do Brasil, cuja etimologia radica no falar minhoto gode ‘pedrinha redonda e lisa’. É assinalada como um caso de derivação por metonímia no sentido de “bolinha usada no jogo de gude”. No verbete gude, Houaiss e Villar (2010) registam as seguintes variantes lexicais: *belindre*, *berlinde*, *biloca*, *bilosca*, *birosca*, *bolita*, *búraca*, *búrlica*, *peteca*, *pirosca*, *ximbra*. Destas variantes, três pertencem ao *corpus* em análise.

De forma análoga, a variante *búrlica* também se configura como um regionalismo, porém do Rio de Janeiro, significando o “m. q. búraca” (‘pequena cova que se abre na terra para jogar gude; imba, boco’). A lexia *búraca* também é assinalada como um caso de “derivação: por metonímia” na aceção de “jogo de gude”. Houaiss e Villar (2010) inscrevem a lexia simples *berlinde*, de origem obscura, como um regionalismo de Portugal, empregada com o mesmo significado de *belindre*: “bola de gude” e assinala a ocorrência de uma derivação por metonímia na aceção de “gude (‘jogo’)”. De acordo com o *Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português*, a lexia *berlinde* (“o mesmo que *belindre*”) está documentada em trabalhos anteriores sobre o léxico do PE, como em Martins (1954: 410), vinculada ao campo semântico “Ser Humano (aspetos espirituais)”. Registam-se, igualmente, as variantes lexicais *belindre*, *belindris*, *berlinda* e *burlinde*.

Na carta lexical do campo semântico “Jogos e Diversões Infantis” (figura 1), registam-se as lexias que se empregam em Cuiabá e na Covilhã, para designar “o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (um par de elásticos), presas a uma lingueta de couro, que os meninos lançam pedras para matar passarinho”. Essa noção exprime-se, no primeiro ponto linguístico, por meio de três itens lexicais: *estilingue* (52%), variante de maior frequência e que corresponde ao conceito proposto pelo QSL, *funda* (46%) e *bodoque* (2%). No ponto linguístico Covilhã, obtiveram-se as seguintes designações: *fisga/s* (94%), variante lexical de maior frequência, *acerta* (4%) e *funda* (2%), todas distintas do conceito proposto pelo QSL. Destas, apenas a lexia *funda* é coincidente nos dois corpora. Regista-se, ainda, a ocorrência das lexias *funda* e *fisga/s* como as variantes lexicais de maior frequência entre os informantes nativos de Cuiabá e da Covilhã, respetivamente. Segundo Houaiss e Villar (2010), a lexia *estilingue*, de origem obscura, consiste num regionalismo do Brasil e designa “arma de arremesso constituída de uma forquilha provida de um par de elásticos presos a uma lingueta de couro, com que se lançam pedras para matar pássaros; atiradeira, bodoque”.

Segundo o *Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português*, o item lexical *estilingue* está documentado em trabalhos anteriores sobre o léxico do PB como, por exemplo, em Lino (2000: 94), associado ao campo semântico “Caça”. Esta pesquisa também confirma o emprego da lexia *funda*, em Portugal, com o significado de “atiradeira”, em Capão (1957: 284), anexa ao campo semântico “Caça” e na aceção de “produção” em Carreiro (1948: 220), associando-se ao campo semântico “Trabalhos Agrícolas”, pelo que, em nosso entender, a diferença de significado da lexia *funda* remete para área semântica distinta.

Houaiss e Villar (2010) registam o termo linguístico *bodoque*, originário do “grego *pontikón (káruon)* '(noz) pântica', através do árabe *bunduq* 'noz, avelã, bolota, bala de pedra ou barro para espingarda ou atiradeira”, como um regionalismo do Brasil, o qual designa o mesmo que “atiradeira” ('arma ou brinquedo infantil para arrojear pedras ou objetos afins, de dimensões reduzidas, que consiste numa funda de material elástico, ger. borracha, presa às extremidades da bifurcação de uma pequena forquilha de madeira, plástico ou metal'). No verbete *atiradeira*, registam-se os seguintes sinónimos/variantes: *badogue*, *badoque*, *baladeira*, *baleeira*, *beca*, *bodoque*, *estilingue*, *funda*, *peteca*, *seta*, *setra*. Destas variantes, três integram o *corpus* em análise. Quanto

à *fisga*, consta como regionalismo de Portugal na aceção descrita anteriormente.

No *Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português*, a variante léxica *fisga* é indicada para designar “espécie de arpão utilizado pelos terrestres, na pesca da beira-mar” em Alves (1993: 215), associada ao campo semântico “Artes e Pesca”; “fresta” em Buescu (1961: 341); “fenda na parede” em CarvalhoA (1970: 530); “intervalo entre as tábuas no sobrado de uma casa” em Martins (1954: 426), ambas anexadas ao campo semântico “Construção”; “pequeno instrumento formado por um pau bifurcado e um elástico, que os rapazes usam para caçar pássaros” em CarvalhoS (1974: 491), inscrita no campo semântico “Caça”; “bebedeira” em Fernandes (1965: 268), anexa ao campo semântico “Comida e Bebida”; “amuleto, figa” em Netto (1949:122), associada ao campo semântico “Ser Humano (aspetos espirituais)”, inferindo-se, deste modo, que a diferença de significado da lexia *fisga* remete para áreas semânticas distintas.

A carta lexical do campo semântico “Jogos e Diversões Infantis” (figura 1) indica as variantes léxicas empregadas em Cuiabá e na Covilhã para denominar “o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha”. Essa noção manifesta-se, no primeiro ponto linguístico, por meio de três itens lexicais: *pipa* (42%), variante de maior frequência, *pandorga* (40%) e *papagaio* (18%). No ponto linguístico Covilhã, obtiveram-se as lexias *papagaio* (84%), variante lexical de maior frequência, *papagaio de papel* (12%) e *caravela* (4%). As variantes lexicais de maior frequência identificadas nos dois corpora são distintas do conceito proposto pelo QSL. Em complemento, registam-se as variantes léxicas *pandorga* e *papagaio* como as de maior frequência entre os cuiabanos de “Chapa e Cruz” e os informantes nativos do Concelho da Covilhã, respetivamente. Houaiss e Villar (2010) inscrevem a lexia simples *pandorga* como regionalismo do Brasil, na aceção de “papagaio de papel”. De forma análoga, a variante *pipa* também se configura como regionalismo do Brasil, porém para designar, informalmente, uma “pessoa gorda e de baixa estatura” e uma “pessoa que bebe em excesso; bebedor, ébrio”. É mormente utilizada com o significado de “papagaio (‘brinquedo’)”.

No *Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português*, o vocábulo *pipa* está documentado em trabalhos anteriores sobre o léxico do PB, na aceção de “máquina que amassa o barro de fazer tijolo...” em Fonseca (1996: 122), o qual remete para as variantes *amassador*, *maromba* e *marombinha*, integrada no campo semântico “Ferramenta e

Maquinaria". No *Atlas Linguístico da Paraíba* (ALPB:129) consta com o significado de "papagaio", associado ao campo semântico "Ser Humano (aspectos espirituais)". A lexia *pipa* integra o léxico do PE, por exemplo, nas seguintes aceções: "Cabo de cebolas ou de alhos. Diz-se também pé" em Baptista (1967: 316), associada ao campo semântico "Horta e Fruta"; "Pipa. Vasilha bojuda de madeira, que utilizam principalmente para o vinho, tem a capacidade de 25 ou 21 almudes" em Delgado (1970: 332); "Vasilha bojuda de madeira com capacidade de 500 litros" em Pereira (1970: 370); "vaso para vinho, de 200 litros" em Caldeira (1960: 292), anexadas ao campo semântico "Vinha e Vinho"; "bêbado" em CarvalhoS (1970: 585), integrada no campo semântico "Ser Humano (aspectos físicos, psíquicos e comportamentais)"; "Medida de capacidade equivalente a 500 litros. Existe também a meia-pipa" em Pereira (1970: 384), vinculada ao campo semântico "Medição e Medidas".

O termo linguístico *papagaio* integra o léxico do PE para designar "brinquedo de papel que as crianças agitam ao vento, preso por um cordel" em Cruz (1991: 340), integrado no campo semântico "Ser Humano (aspectos espirituais)" e "prateleira onde se coloca o candeeiro de petróleo" em Caldeira (1960: 276), anexado ao campo semântico "Enxoval e Vida Doméstica", de acordo com o *Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português*. Esta pesquisa evidencia, igualmente, o emprego da lexia caravela para designar o "brinquedo de papel, semelhante às asas de um moinho, que gira quando dá o vento" em CarvalhoS (1974: 446), associada ao campo semântico "Ser Humano (aspectos espirituais)". Cabe ressaltar que a variante léxica *papagaio* também foi registada para designar "a ave de penas coloridas que, quando presa, pode aprender a falar", em ambos os pontos linguísticos. Deste modo, por denominar referentes distintos, caracteriza-se como uma lexia polissêmica no *corpus* em análise.

A tabela 1, relativa ao campo semântico "Jogos e Diversões Infantis", regista as lexias *esconde-esconde* e *escondidas* como as variantes de maior frequência empregadas pelos inquiridos brasileiros e covilhanenses, para nomear "a brincadeira infantil em que um participante deve encontrar os demais que estão escondidos". Estas lexias foram indicadas com 94% e 70%, respetivamente. A carta lexical do referido campo semântico também regista os termos linguísticos *pique-esconde* (6%) em Cuiabá; *brincar às escondidas* (16%), *jogar às escondidas* (12%) e *esconde-esconde* (2%), na Covilhã. Constatase uma diferenciação lexical entre os pontos linguísticos, visto que foram

obtidas cinco lexias distintas e apenas uma coincidente (*esconde-esconde*), para designar o mesmo referente. As variantes lexicais de maior frequência mantiveram-se entre os informantes nativos e não indicam particularidades locais.

As lexias compostas, *cobra-cega* e *cabra-cega*, foram selecionadas, no ponto linguístico Cuiabá, para designar “a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras”. A primeira, com 80%, configura-se como a variante léxica de maior frequência, enquanto que a lexia *cabra-cega* foi a resposta com 20% dos informantes e coincide com a variante da questão proposta pelo QSL. As lexias *cobra-cega* e *cabra-cega* foram as variantes lexicais de maior frequência registadas entre os informantes nativos de Cuiabá e da Covilhã, respetivamente.

A carta lexical do campo semântico “Jogos e Diversões Infantis” regista as lexias *pega-pega* (62%), variante de maior frequência e que corresponde ao conceito proposto pelo QSL, *pegador* (32%), *pique* (4%) e *salva* (2%) no ponto linguístico brasileiro; *apanhada/s* (52%), variante de maior frequência, *jogar às apanhadas* (18%), *agarrada/s* (12%), *jogo do apanha* (8%), *brincar às apanhadas* (6%) e *jogar à peçonha* (4%) no ponto linguístico português, como respostas à questão 138. Verifica-se, portanto, um contraste linguístico entre as áreas em estudo, visto que foram obtidas dez lexias diferentes para o mesmo significante. As lexias *pega-pega* e *apanhada/s* mantêm-se como as variantes lexicais de maior frequência entre os informantes nativos de Cuiabá e da Covilhã, respetivamente.

Houaiss e Villar (2010) inscrevem o item lexical *pegador*, em distribuição substantiva, como regionalismo do Brasil, o qual designa o “m.q. pique” (‘brincadeira infantil’). Os referidos lexicógrafos atribuem ao verbete *pique* nove aceções, de entre as quais, duas são destacadas como de uso geral, sem atribuição de uso específico no PB ou no PE e seis constam como regionalismo do Brasil. No entanto, somente a oitava aceção se aplica ao conceito de *pega-pega*, proposto pelo QSL: “brincadeira infantil em que uma das crianças deve correr atrás de outra(s) e pegá-la(s), o que pode ser feito em qualquer lugar, com exceção de um ponto, escolhido de comum acordo, onde se está a salvo; pega-pega”. No verbete, *pega-pega* regista as seguintes variantes: *angapanga*, *cerca-lourenço*, *maria-macumbé*, *pega*, *pegador*, *picula*, *pique*, *toca*; destas, duas integram o *corpus* em análise. Também assinala que o termo linguístico *pique* designa “o lugar em que os

participantes dessa brincadeira estão a salvo; bandeira-vogais, bota, ganzola”.

As lexias *corre-cutia* e jogo do *lenço/inho* são as variantes de maior frequência, empregadas pelos informantes nativos de Cuiabá e da Covilhã, respetivamente. Estas lexias, distintas do conceito proposto pelo QSL, foram indicadas com 54% e 50%, conforme evidencia a tabela 1. A carta lexical do campo semântico “Jogos e Diversões Infantis” (figura 1) também regista os termos linguísticos: *lenço atrás* (4%) e *ovo podre* (4%) em Cuiabá; *lencinho* (24%), jogar o *lenço/inho* (10%), *jogo de roda* (4%), *Lourenço* (2%) na Covilhã, para designar o mesmo referente. Entre os inquiridos portugueses, 10% afirmaram desconhecer o termo específico, percentagem que aumenta para 38% entre os inquiridos brasileiros.

Os itens lexicais *gangorra* e *burrica* foram selecionados, no ponto linguístico Cuiabá, para designar “uma tábua retangular, comprida, apoiada no centro, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce”. O primeiro, com 90%, configura-se como a variante léxica de maior frequência e coincide com a variante da questão proposta pelo QSL, enquanto que o vocábulo *burrica* foi a resposta de 4% dos informantes (cf. tabela 1 e figura 1). No ponto linguístico Covilhã, foram registadas as lexias *balancê* (54%), variante lexical de maior frequência, *baloíço* (36%), *balouço* (4%), *sobe e desce* (4%) e *cavalinho* (2%), todas distintas do conceito proposto pelo QSL. Verifica-se, assim, uma diferenciação lexical entre os pontos linguísticos, visto que foram obtidas sete lexias distintas e correspondentes ao conceito anteriormente mencionado. Entre os informantes cuiabanos, 6% alegaram desconhecer o termo específico. Registam-se as variantes léxicas *gangorra* e *balancê* como as de maior frequência entre os cuiabanos de “Chapa e Cruz” e os informantes nativos do Concelho da Covilhã, respetivamente.

Houaiss e Villar (2010) registam a lexia *gangorra*, de origem obscura, em distribuição substantiva, como regionalismo do Brasil na aceção de “prancha retangular, comprida, apoiada somente no centro, que duas crianças, cada qual sentada numa de suas extremidades, impulsionam para o alto pela pressão dos pés no solo, de tal modo que, quando uma das extremidades toca o chão, a outra chega ao alto”. No verbete *gangorra*, Houaiss e Villar (2010) registam as seguintes variantes: *burrica*, *coximpim*, *jangalamarte*, *jangalamaste*, *joão-galamarte*, *zanga-burrinha*, *zanga-burrinho*. Destas, somente a primeira integra o *corpus* em análise. Quanto à lexia *burrica*, consta como

regionalismo de Pernambuco na aceção de “gangorra” (‘prancha’). A lexia simples *gangorra* está documentada em trabalhos anteriores sobre o léxico do PE, para designar “alçapão para apanhar aves” e “alçapão para apanhar pássaros” em Nunes (1965: 137-153), associada ao campo semântico “Caça”, conforme nos mostra a pesquisa realizada no Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português.

Os itens lexicais *baloioço* e *balancê*, distintos do conceito proposto pelo QSL, foram selecionados no ponto linguístico Covilhã para designar “uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás”. O primeiro, com 96%, configura-se como a variante léxica de maior frequência, enquanto que a lexia *balancê* foi a resposta de 4% dos informantes, conforme evidenciam a tabela 1 e a figura 1. Existe, deste modo, uma diferenciação lexical entre os pontos linguísticos, visto que foram obtidas três lexias distintas e correspondentes ao conceito anteriormente mencionado. Indica-se, ainda, a ocorrência das lexias *balanço* e *baloioço* como as variantes lexicais de maior frequência entre os informantes nativos de Cuiabá e da Covilhã, respetivamente.

A carta lexical do campo semântico “Jogos e Diversões Infantis” (figura 1) indica as variantes léxicas empregadas em Cuiabá e na Covilhã, para designar “a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha e vão pulando com uma perna só”. Essa noção manifesta-se, no primeiro ponto linguístico, por meio de três itens lexicais: *amarelinha* (96%), variante de maior frequência e que corresponde ao conceito proposto pelo QSL, *maré* (2%) e *macaca* (2%). No ponto linguístico Covilhã, obtiveram-se as designações *macaca* (44%), *jogo da semana* (22%), *jogo da macaca* (20%), *escanchado* (8%) e *jogar ao homem* (6%), todas distintas do conceito proposto pelo QSL. Assistimos, deste modo, a uma diferenciação lexical entre os pontos linguísticos, visto que foram obtidas sete lexias distintas e apenas uma coincidente (*macaca*) para designar o mesmo referente. Registam-se as variantes léxicas *amarelinha* e *macaca* como as de maior frequência entre os cuiabanos de “Chapa e Cruz” e os informantes nativos do Concelho da Covilhã, respetivamente.

Acresce que a variante léxica *escanchado* também foi registada para designar “pessoa de pernas curvas”, no ponto linguístico Covilhã, para o campo semântico “Corpo Humano”. Deste modo, por denominar referentes distintos, caracteriza-se como uma lexia polissémica no *corpus* em análise. A variante *amarelinha* está lexicalizada em Houaiss

e Villar (2010) como regionalismo do Brasil, na aceção de “brincadeira infantil que consiste em saltar, com apoio numa só perna, casa a casa de uma figura riscada no chão, após jogar uma pequena pedra achatada, ou objeto semelhante, em direção a cada uma das casas (quadrado), sequencialmente, pulando a que contém a pedra ou objeto”. No verbete *amarelinha*, constam as seguintes variantes: *academia*, *macaca*, *macaco*, *maré*, *marela*, *sapata*; destas, duas integram o *corpus* em análise. Em relação à lexia *maré*, os referidos lexicógrafos identificam-na como regionalismo dos estados de Minas Gerais e de Goiás, na aceção acima descrita.

Segundo o *Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português*, a variante léxica *maré* é indicada, no Brasil, para designar “movimento periódico das águas do mar, que se elevam ou embaixam por influência da ação conjunta da Lua, do Sol e dos planetas” em Brandão (1988: 260); “movimento da água que regula a extração da argila pelo barreirense” em CostaO (2012) e “onda de rio” em Lino (2000: 97), todas anexadas ao campo semântico “Água”. Também há registo deste termo, em Portugal, nas seguintes aceções: “movimento das águas do mar que periodicamente e duas vezes por dia se elevam e se abaixam alternativamente” em Caldeira (1960: 310); “onda, vaga” em Medeiros (1964: 186), anexadas ao campo semântico “Água”; “época; altura” em Carreiro (1948: 243); “Ocasão” em OliveiraR (1948: 117), associadas ao campo semântico “Tempo Cronológico”; “Vento. Maré norte” em PereiraS (1952: 144), vinculada ao campo semântico “Meteorologia”, inferindo-se, pois, que a diferença de significado do vocábulo *maré* remete para áreas semânticas distintas.

4. Breve síntese

Os resultados da análise quantitativa permitem concluir para o campo semântico estudado que, de um total de 11 questões que compõem o Questionário Semântico-Lexical (QSL), aplicado em Cuiabá, 7 (63%) lexis são coincidentes com as variantes propostas pelo ALiB, enquanto que 4 (37%) são divergentes, ou seja, o primeiro grupo representa as variantes léxicas que atuam como norma entre os cuiabanos. Na Covilhã, os resultados revelam 2 (18%) ocorrências lexicais coincidentes e 9 (82%) divergentes e, de outra forma, atribui ao último grupo a representatividade das variantes que atuam como norma na comunidade portuguesa.

A análise comparativa, que considerou as lexias de maior frequência, entre os pontos linguísticos estudados, independentemente do conceito proposto, revelou 1 (9%) ocorrência lexical semelhante entre duas variedades diatópicas, justamente aquela que coincide com o tema da questão proposto pelo ALiB. Por outro lado, 10 (91%) variantes são divergentes e, deste grupo, 3 (27%), além de divergirem entre as comunidades de fala, não contemplam o conceito sugerido e reiteram as diferenças de realização de formas linguísticas entre falantes da língua portuguesa, neste caso, de áreas geográficas intercontinentais.

Quando empregada a mesma estrutura analítica para os informantes nativos, o resultado da análise quantitativa permite inferir que, do mesmo grupo de questões, para a localidade de Cuiabá, na maioria dos casos, as lexias são coincidentes com as variantes de maior frequência informada por todos. No ponto linguístico português, mantiveram-se as mesmas ocorrências lexicais coincidentes, fator este que revela o expressivo grau de uniformidade linguística nesta comunidade.

Percebe-se que, em Cuiabá, os informantes nativos já incorporaram no seu léxico formas linguísticas que se aproximam da norma padrão da língua portuguesa. Na Covilhã, esta tendência apresenta-se ainda mais acentuada, uma vez que não há diferença, quando confrontadas as variantes selecionadas pelos nativos com a totalidade dos informantes. Pode-se concluir que, em ambos os locais, se identifica uma norma já consolidada, independentemente do grau de concorrência com outras variantes.

No que respeita ao léxico covilhanense, a análise da carta lexical permitiu demonstrar: i) a existência de lexias polissêmicas - *papagaio*, *escanchado*, *funda*, *fisga*, *baloíço* e *balancê* e ii) a presença de regionalismos, como *berlinde* e *fisga*, vocábulos de uso geral em Portugal. A exposição cartográfica dos dados permitiu, igualmente, constatar a diversidade do léxico cuiabano composto por i) variantes essencialmente sulistas, como *bolita*, *pega-pega*, *pique* e *salva*; ii) regionalismos que recobrem todo o território brasileiro - *cambota* (*cambalhota*), *estilingue*, *bodoque*, *pandorga*, *pegador*, *gangorra* e *amarelinha* e iii) a existência de lexias polissêmicas - *cambota*, *pipa*, *maré* e *papagaio*.

O estudo contrastivo semântico-lexical dos falares de Cuiabá e da Covilhã, com base no recorte linguístico sincrónico exposto na carta lexical, permitiu ilustrar que os falares aludidos não se manifestaram, na

sua essência, completamente distintos do léxico de outras regiões brasileiras e portuguesas, conforme evidencia a pesquisa realizada pelo Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português, o qual permitiu constatar que os fenômenos linguísticos registados no *corpus* já estão documentados em trabalhos anteriores sobre o léxico do PB e do PE. Não existem, portanto, nas variedades aqui descritas, peculiaridades linguísticas que possam individualizá-las e diferenciá-las de outras comunidades de fala brasileira ou portuguesa.

O léxico destas comunidades de fala, em parte representado pelas variantes analisadas nesta investigação, deve ser entendido como um produto de uma hierarquização das múltiplas formas linguísticas alternativas e semanticamente equivalentes, facultadas pela língua, que coocorrem dentro de um estado de sincronia e dá origem à norma. É natural que estas variedades da língua portuguesa apresentem um léxico diferenciado, pois a realização coletiva do sistema em si mesmo dá a possibilidade de alternar o uso de elementos não funcionais, todavia de utilização normal numa comunidade.

Bibliografia

- Álvarez (s/d): Rosario (coord.), (s.a.), *Tesouro do léxico patrimonial galego e português*, Santiago de Compostela, Instituto da Lingua Galega. <http://ilg.usc.es/Tesouro> [Acesso em 4.04.2020].
- Alves (1993): Joana Lopes, *A linguagem dos pescadores da Ericeira*, Lisboa, Assembleia Distrital de Lisboa [= Alves, Joana Luiza Matos Ribeiro Lopes (1958): *Linguagem dos pescadores da Ericeira*] [reimpressão de Id. (1965): *A linguagem dos pescadores da Ericeira*. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa.]. Retirado de Álvarez (s/d): Rosario (coord.). (s.a.), *Tesouro do léxico patrimonial galego e português*. Santiago de Compostela, Instituto da Lingua Galega. <http://ilg.usc.es/Tesouro> [Acesso em 4.04.2020].
- Atlas linguístico da Paraíba*. (s. a.). <https://alib.ufba.br/atlas-linguistico-da-paraiba-alpb> [Acesso em 4.04.2020].
- Atlas linguístico do Brasil: questionários 2001*(ALiB), 2001, Londrina, UEL.
- Atlas linguístico-etnográfico de Portugal e da Galiza* (ALEPG). (s. a.). <https://www.clul.ulisboa.pt/pt/23-investigacao/681-alepg-atlas-linguistico-etnografico-de-portugal-e-da-galiza> [Acesso em 4.04.2020].

- Baptista (1967): Cândida da Saudade Costa, *O falar da Escusa*, Dissertação de Licenciatura, Universidade de Lisboa. Retirado de Álvarez (s/d): Rosario (coord.). (s.a.), *Tesouro do léxico patrimonial galego e português*, Santiago de Compostela, Instituto da Lingua Galega. <http://ilg.usc.es/Tesouro> [Acesso em 4.04.2020].
- Bassetto (2001): Bruno Fregni, *Elementos de filologia românica*, São Paulo, EDUSP.
- Brandão (1988): Silvia Figueiredo, *O pescador do Município de Campos: universo e linguagem*, Tese de Doutorado, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Brandão (1991): Silvia Figueiredo, *A geografia lingüística no Brasil*, São Paulo, Ática.
- Buescu (1961): Maria Leonor Carvalhão, *Monsanto. Etnografia e linguagem*, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos; Publicações do Centro de Estudos Filológicos – 7. [= Id. (1984): Ibid. Lisboa: Editorial Presença] [vid. Carvalhão 1955]. Retirado de Álvarez (s/d): Rosario (coord.). (s.a.), *Tesouro do léxico patrimonial galego e português*, Santiago de Compostela, Instituto da Lingua Galega. <http://ilg.usc.es/Tesouro> [Acesso em 4.04.2020].
- Caldeira (1960): Maria Arlete Fernandes, *O falar dos pescadores de Sines. (Notas etnográficas, linguísticas e folclóricas)*, Dissertação de Licenciatura, Universidade de Lisboa. Retirado de Álvarez (s/d): Rosario (coord.). (s.a.), *Tesouro do léxico patrimonial galego e português*, Santiago de Compostela, Instituto da Lingua Galega. <http://ilg.usc.es/Tesouro> [Acesso em 4.04.2020].
- Capão (1957): António Tavares Simões, *A Bairrada. Estudo linguístico, histórico e etnográfico*, Dissertação de Licenciatura, Universidade de Coimbra. Retirado de Álvarez (s/d): Rosario (coord.). (s.a.), *Tesouro do léxico patrimonial galego e português*, Santiago de Compostela, Instituto da Lingua Galega. <http://ilg.usc.es/Tesouro> [Acesso em 4.04.2020].
- Carreiro (1948): Maria Eduarda Ventura, *Monografia linguística de Nisa*, Dissertação de Licenciatura, Universidade de Lisboa. Retirado de Álvarez (s/d): Rosario (coord.). (s.a.), *Tesouro do léxico patrimonial galego e português*, Santiago de Compostela, Instituto da Lingua Galega. <http://ilg.usc.es/Tesouro> [Acesso em 4.04.2020].

- CarvalhoA (1970) : Maria Armanda da Cunha Albino, *Sátão (Concelho do distrito de Viseu). Estudo da linguagem, etnografia e folclore das suas freguesias*, Dissertação de Licenciatura, Universidade de Coimbra. Retirado de Álvarez (s/d): Rosario (coord.). (s.a.), *Tesouro do léxico patrimonial galego e português*, Santiago de Compostela, Instituto da Língua Galega. <http://ilg.usc.es/Tesouro> [Acesso em 4.04.2020].
- CarvalhoS (1974) : Maria Filomena de Andrade Saraiva, *Linguagem e folclore do concelho da Mêda (distrito da Guarda). Algumas notas sobre a linguagem da mulher*, Dissertação de Licenciatura em Filologia Românica, Universidade de Coimbra. Retirado de Álvarez (s/d): Rosario (coord.). (s.a.), *Tesouro do léxico patrimonial galego e português*, Santiago de Compostela, Instituto da Língua Galega. <http://ilg.usc.es/Tesouro> [Acesso em 4.04.2020].
- Costa (1961): Maria Rosa Lila Dias, Murteira, *uma povoação do concelho de Loures – Etnografia, linguagem e folclore*, Lisboa, Junta distrital de Lisboa.] [= Id. (1957): Murteira, uma povoação do concelho de Loures – Etnografia, linguagem e folclore. Dissertação de Licenciatura. Universidade de Lisboa. Retirado de Álvarez (s/d): Rosario (coord.). (s.a.), *Tesouro do léxico patrimonial galego e português*, Santiago de Compostela, Instituto da Língua Galega. <http://ilg.usc.es/Tesouro> [Acesso em 4.04.2020].
- CostaO (2012): Eliane Oliveira da, *Glossário da cerâmica artesanal do distrito de Icoaraci (Belém/PA)*, Tese de mestrado. Belém: Universidade Federal do Pará. Retirado de Álvarez (s/d): Rosario (coord.). (s.a.), *Tesouro do léxico patrimonial galego e português*, Santiago de Compostela, Instituto da Língua Galega. <http://ilg.usc.es/Tesouro> [Acesso em 4.04.2020].
- Cruz (1991): Maria Luísa Segura da, *O Falar de Odeleite*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica; Centro de Linguística da Universidade de Lisboa; Série: Linguística – 16. [= Id. (1969): O Falar de Odeleite. Dissertação de Licenciatura. Universidade de Lisboa]. Retirado de Álvarez (s/d): Rosario (coord.). (s.a.), *Tesouro do léxico patrimonial galego e português*, Santiago de Compostela, Instituto da Língua Galega. <http://ilg.usc.es/Tesouro> [Acesso em 4.04.2020].

- Dallemole, Jussara e Osório, Paulo (2019): “Dialectologia e história do léxico: análise dos campos semânticos “Acidentes Geográficos” e “Fauna” em PE e PB, in Fonseca, M. C./ Silva, A. A./ Gonçalves, O./ Marçalo, M. J., *Língua portuguesa: história, diversidade e mundos de discurso. Temas de linguística*, Évora, Cosmos e CEL- Universidade de Évora, pp. 127-161.
- Dallemole, Jussara; Osório, Paulo e Patatas, Maria de Jesus (2018): “Variação sociolinguística e dialetológica: um estudo contrastivo entre Cuiabá e Covilhã”, *LaborHistórico*, vol. 4, nº2, pp. 104-134.
- Delgado (1970): Maria Carolina Saramaga, *O falar de Baleizão*, Dissertação de Licenciatura. Universidade de Lisboa. Retirado de Álvarez (s/d): Rosario (coord.). (s.a.), *Tesouro do léxico patrimonial galego e portugués*, Santiago de Compostela, Instituto da Língua Galega. <http://ilg.usc.es/Tesouro> [Acesso em 4.04.2020].
- Fernandes (1965): João Baptista, *Linguagem de Aldeia Velha e povoações vizinhas*, Dissertação de Licenciatura em Filologia Românica, Universidade de Coimbra. Retirado de Álvarez (s/d): Rosario (coord.). (s.a.), *Tesouro do léxico patrimonial galego e portugués*, Santiago de Compostela, Instituto da Língua Galega. <http://ilg.usc.es/Tesouro> [Acesso em 4.04.2020].
- FonsecaS (1996): Valéria Sanches, *A linguagem dos oleiros nas olarias rudimentares da microrregião de Campo Mourão – PR*, Dissertação de Mestrado em Letras. Assis-SP: Universidade Estadual Paulista. Retirado de Álvarez (s/d): Rosario (coord.). (s.a.), *Tesouro do léxico patrimonial galego e portugués*, Santiago de Compostela, Instituto da Língua Galega. <http://ilg.usc.es/Tesouro> [Acesso em 4.04.2020].
- Houaiss e Villar (2010): Antônio e Mauro de Salles, *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, 4ª ed., Rio de Janeiro, Objetiva.
- Lindley Cintra (1983): Luís Filipe, *Estudos de dialectologia portuguesa*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora.
- Lino (2000): Fádua Maria Moisés, *Aspectos linguísticos da fala de Cândido de Abreu: um estudo geosociolinguístico*, Dissertação de Mestrado em Letras, Londrina, Universidade Estadual de Londrina. Retirado de Álvarez (s/d): Rosario (coord.). (s.a.), *Tesouro do léxico patrimonial galego e portugués*, Santiago de

- Compostela, Instituto da Lingua Galega. <http://ilg.usc.es/Tesouro> [Acesso em 4.04.2020].
- Martins (1954): José Dias, *Etnografia, linguagem e folclore de uma pequena região da Beira Baixa (Póvoa de Atalaia, Alcongosta, Tinchalhas e Sobral do Campo)*, Dissertação de Licenciatura, Universidade de Lisboa. Retirado de Álvarez (s/d): Rosario (coord.). (s.a.), *Tesouro do léxico patrimonial galego e português*, Santiago de Compostela, Instituto da Lingua Galega. <http://ilg.usc.es/Tesouro> [Acesso em 4.04.2020].
- Medeiros (1964): Maria de Jesus Chichorro de, *A linguagem micalense em alguns dos seus aspectos*, Dissertação de Licenciatura, Universidade de Lisboa. Retirado de Álvarez (s/d): Rosario (coord.). (s.a.), *Tesouro do léxico patrimonial galego e português*, Santiago de Compostela, Instituto da Lingua Galega. <http://ilg.usc.es/Tesouro> [Acesso em 4.04.2020].
- Netto (1949): Maria Teresa de Mendonça Lino, *A linguagem dos pescadores e lavradores do concelho de Vila do Conde*, Dissertação de Licenciatura, Universidade de Coimbra. Separata de Revista Portuguesa de Filologia, vols. I e II. Retirado de Álvarez (s/d): Rosario (coord.). (s.a.), *Tesouro do léxico patrimonial galego e português*, Santiago de Compostela, Instituto da Lingua Galega. <http://ilg.usc.es/Tesouro> [Acesso em 4.04.2020].
- Nunes (1965): João da Cruz, *Os falares da Calheta, Arco da Calheta, Paúl do Mar e Jardim do Mar*. Dissertação de Licenciatura. Universidade de Lisboa. Retirado de Álvarez (s/d): Rosario (coord.). (s.a.), *Tesouro do léxico patrimonial galego e português*. Santiago de Compostela, Instituto da Lingua Galega. <http://ilg.usc.es/Tesouro> [Acesso em 4.04.2020].
- OliveiraR (1948): Manuel Rodrigues de, *A linguagem de Oliveira de Azeméis. Em complemento: contribuição para o estudo do falar técnico do Centro Vidreiro do Norte de Portugal*, Dissertação de Licenciatura em Filologia Românica, Universidade de Coimbra. Retirado de Álvarez (s/d): Rosario (coord.). (s.a.), *Tesouro do léxico patrimonial galego e português*, Santiago de Compostela, Instituto da Lingua Galega. <http://ilg.usc.es/Tesouro> [Acesso em 4.04.2020].
- Paiva Boléo (1974): Manuel, *Inquérito linguístico (questionário)*, Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigenis.

- Pereira (1970): Maria Fernanda Afonso Alves, *O falar de Soajo*, Dissertação de Licenciatura, Universidade de Lisboa. Retirado de Álvarez (s/d): Rosario (coord.). (s.a.), *Tesouro do léxico patrimonial galego e portugués*, Santiago de Compostela, Instituto da Lingua Galega. <http://ilg.usc.es/Tesouro> [Acesso em 4.04.2020].
- PereiraS (1952): Maria Palmira da Silva, *Fafé. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*, Dissertação de Licenciatura, Universidade de Coimbra. Separata de Revista Portuguesa de Filologia, vols. III, IV e V. Retirado de Álvarez (s/d): Rosario (coord.). (s.a.), *Tesouro do léxico patrimonial galego e portugués*, Santiago de Compostela, Instituto da Lingua Galega. <http://ilg.usc.es/Tesouro> [Acesso em 4.04.2020].
- Silva (2002): Maria do Perpétuo Socorro, *Estudo semântico-lexical com vistas ao atlas linguístico da Mesorregião do Marajó/Pará*, Tese de Doutorado, São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

Anexo I: Ficha de localidade

1. NOME OFICIAL:
2. COORDENADAS E LIMITES:
3. NOME REGIONAL:
4. NOMES ANTERIORES:
5. ATO DE CRIAÇÃO:
6. GENTÍLICO:
7. DISTÂNCIA DA CAPITAL:
8. COMO CHEGAR:
9. DADOS POPULACIONAIS E DENSIDADE DEMOGRÁFICA:
10. ATIVIDADES ECONÓMICAS PREDOMINANTES:
11. COMUNICAÇÕES:
12. HISTÓRICO SUCINTO DA LOCALIDADE:
13. OBSERVAÇÕES GERAIS:

Anexo II: Ficha de sujeito

1. NOME COMPLETO:
2. ENDEREÇO:
3. NOME PELO QUAL É CONHECIDO: Alcunha:
4. SEXO: masculino () feminino ()
5. IDADE: anos julga (diz) ter: parece (calcula) ter:
6. ESTADO CIVIL: solteiro () casado () viúvo () outro ()
7. LOCAL DE NASCIMENTO:
8. JÁ VIAJOU: sim () não () para onde: por quanto tempo:
9. DOMICÍLIOS E TEMPO DE PERMANÊNCIA FORA DA LOCALIDADE:
10. NATURALIDADE DO PAI: Profissão:
11. NATURALIDADE DA MÃE: Profissão:
12. NATURALIDADE DO CÔNJUGE: Profissão:
13. COM QUE IDADE CHEGOU A ESSE LUGAR?
14. PROFISSÃO DO SUJEITO:
15. ONDE EXERCE:

16. SALÁRIO: menos de um salário mínimo () mais de um salário mínimo ()

17. ESCOLARIDADE:

18. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS APARENTES:

19. RELIGIÃO:

20. GRAU DE ESPONTANEIDADE DA FALA:

OBSERVAÇÕES:

ENTREVISTADOR:

DATA DA APLICAÇÃO:

LOCAL DA ENTREVISTA:

QUANTIDADE DE FITAS:

Nº DAS FITAS:

Anexo III – Questionário semântico-lexical (QSL)

“Jogos e Diversões Infantis”

132. CAMBALHOTA

... a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado?
Mímica.

133. BOLINHA DE GUDE

... as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?

134. ESTILINGUE / SETRA / BODOQUE

... o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (um par de elásticos) presas a uma lingueta de couro, que os meninos lançam pedras para matar passarinho?

135. PAPAGAIO DE PAPEL / PIPA

... o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?

136. ESCONDE-ESCONDE

... a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?

137. CABRA-CEGA

... a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?

138. PEGA-PEGA

... uma brincadeira em que uma das crianças deve correr atrás de outra(s) e pegá-la(s), o que pode ser feito em qualquer lugar, com exceção de um ponto escolhido de comum acordo, onde se está a salvo?

139. CHICOTE-QUEIMADO / LENÇO ATRÁS

... uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair?

140. GANGORRA

... uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce? Mímica.

141. BALANÇO

... uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás? Mímica.

142. AMARELINHA

... a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (mímica) e vão pulando com uma perna só?